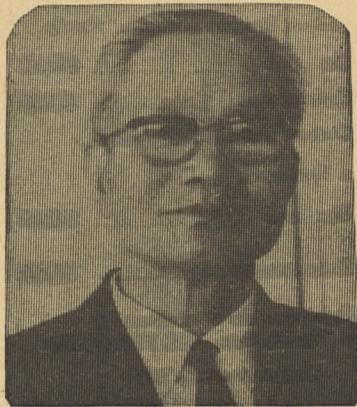




NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU



O camarada Hoang Van Tien

Delegação vietnamita encontra-se no nosso país

O Presidente Luiz Cabral recebe esta manhã uma delegação vietnamita dirigida pelo vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Socialista do Vietname, Hoang Van Tien. Chegada ontem a Bissau, a delegação é portadora de uma mensagem do Presidente vietnamita Ton Duc Thang para o camarada Luiz Cabral.

«O povo vietnamita exprime a sua profunda gratidão pela simpatia e poderoso apoio concedidos à sua causa pela Guiné-Bissau, desde sempre», afirmou à chegada o camarada Hoan Pan Tien. «Como companheiro próximo de armas do povo irmão da Guiné-Bissau, o povo vietnamita seguiu com grande orgulho cada etapa da vossa luta plena de privações e de sacrifícios pela independência e liberdade. Hoje, sentimos também orgulhosos perante os vossos êxitos na edificação do país, sob a direcção do PAIGC», acrescentou.

A delegação vietnamita, que efectua uma série de visitas em África a países que apoiaram a luta do heróico povo do Vietname, é constituída por altos funcionários dos Negócios Estrangeiros, integrando o encarregado de negócios no nosso país, camarada Do Quang Thinh. No aeroporto de Bissalanza, foi recebida pelo camarada Joseph Turpin, do CSL e Secretário-Geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros.

Cuba: O povo celebrou o 23.º aniversário do ataque a Moncada

O Povo irmão de Cuba celebrou a sua festa nacional. No nosso país, o vigésimo-terceiro aniversário do assalto ao quartel de Moncada foi festejado com uma reunião entre camaradas cubanos que trabalham na nossa terra e dirigentes e militantes do Partido.

Fidel Castro pronunciou o seu tradicional discurso de 26 de Julho perante milhares de pessoas, reunidas em Pinar del Rio. A seu lado, o Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, Agostinho Neto, que se encontra a visitar oficialmente Cuba.

Desde os primeiros tempos da nossa luta armada de libertação nacional, o povo cubano, o seu Partido Comunista e o seu Governo Revolucionário deram todo o apoio ao PAIGC. Hoje, na independência e na paz, os camaradas cubanos continuam cumprindo exemplarmente o seu dever internacionalista, lutando lado a lado com o nosso povo, contra a miséria, a pobreza, a fome, a doença. Ligados por laços históricos e de sangue e por objectivos comuns, os povos irmãos de Cuba e da Guiné-Bissau continuarão a marchar juntos, construindo nas nossas Pátrias independentes sociedades livres de toda a forma de exploração. (VER CENTRAIS).

Fim da visita do camarada Pedro Pires Assinados importantes acordos com a Republica de Cabo Verde

Os Governos da Guiné-Bissau e da República irmã de Cabo Verde assinaram ontem um acordo comercial e de cooperação aduaneira e um acordo de pagamento. Trata-se de «mais um passo no sentido da realização da Unidade entre os dois Estados, de acordo com o Programa do PAIGC», como salienta o comunicado conjunto publicado no final da visita ao nosso país de uma delegação governamental caboverdiana, dirigida pelo Primeiro-Ministro, camarada Pedro Pires.

Os acordos foram assinados ontem à tarde, em cerimónia realizada no Palácio da República, em Bissau, na presença do camarada Presidente Luiz Cabral. Antes da assinatura, reuniu-se o Comité Executivo da Luta do Partido e o Conselho dos Comissários de Estado do nosso país, com a delegação do Governo de Cabo Verde.

A abrir a sessão, o Presidente Luiz Cabral fez uma exposição demorada sobre a situação actual no nosso país, em todos os sectores. Depois, o camarada Pedro Pires fez uma análise do primeiro ano de independência em Cabo Verde, referindo-se aos aspectos político, económico-financeiro, agrícola, de pescas, de trabalho e outros.

Após a assinatura dos acordos — na presença do Presidente Luiz Cabral, pelos camaradas Nino Vieira, Comissário Principal em exercício, e Pedro Pires, Primeiro-Ministro — foi lido o comunicado conjunto que sintetiza os resultados da visita ao nosso país da delegação da República irmã.

Ontem à noite, à delegação de Cabo Verde foi oferecido um jantar no Hotel 24 de Setembro,

tendo-se realizado depois um espectáculo, na Associação Comercial. Amanhã, a comitiva do país irmão regressará à Praia.

COMUNICADO

«De 23 a 26 de Julho de 1976 realizaram-se em Bissau conversações entre delegações governamentais da República de Cabo Verde e da República da Guiné-Bissau, com vista ao reforço da cooperação entre os dois países em vários domínios.

As delegações de Cabo Verde e da Guiné-Bissau foram dirigidas, respectivamente, pelos camaradas Pedro Pires, membro do CEL do Partido e Primeiro-Ministro, e João Bernardo Vieira, membro do Secretariado Permanente do CEL e Comissário de Estado das FARP, exercendo interinamente as funções de Comissário Principal, e delas fizeram parte, pelo Governo de Cabo Verde, os camaradas Jorge Venceslau Maurício, Director da EMPA (Empresa Pública de Abastecimento), Francisco Moreira Correia, Director do Gabinete de Estudos e Relações Internacionais da Direcção-Geral das Alfândegas, José Maria Cardoso, Director de Câmbios e Estrangeiro do Banco de Cabo Verde e Manuel Costa, funcionário da Direcção das Relações com o Estrangeiro e do Controlo de Câmbios e, pelo Governo da Guiné-Bissau, os camaradas Vasco Cabral, membro do CEL e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planifi-

cação, Carlos Correia, membro do CEL e Comissário de Estado das Finanças, Anselmo Tomás Lopes Mariano, Director-Geral

vernos, um Acordo Comercial e de Cooperação Aduaneira, e um Acordo de Pagamento. Com vista à defesa do interesse comum do desenvolvimento das relações comerciais entre os dois países e à realização das condições que permitirão, no futuro, a criação de uma União Aduaneira, as partes decidiram



Os camaradas Nino Vieira e Pedro Pires assinando o comunicado conjunto final

do Comércio Externo, Pedro Godinho Gomes, Director de Câmbios e Estrangeiro do Banco Nacional da Guiné, António Quirino Spencer, Director de Serviços da Direcção-Geral das Alfândegas e Manuel da Cunha Ribeiro, funcionário do Banco Nacional da Guiné.

No quadro da sua actividade, as delegações tiveram vários encontros e sessões de trabalho com o Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, camarada Luiz Cabral.

No termo das negociações, fo-

ram assinados, entre os dois Go-

a supressão dos direitos aduaneiros nas suas trocas comerciais.

As duas delegações felicitaram-se pelos resultados frutuosos das conversações que se situaram no quadro das relações especiais de fraternidade e de identidade política existente entre os dois países e decorreram num ambiente de camaradagem e amizade, constituindo mais um passo no sentido da realização da Unidade entre os dois Estados, de acordo com o Programa do PAIGC».

Presidente Luiz Cabral inicia visita ao Sul

O camarada Presidente Luiz Cabral inicia hoje uma visita às regiões do Sul do país. É acompanhado por uma importante delegação, da qual fazem parte os camaradas Nino Vieira, do Secretariado Permanente do Partido e Comissário das Forças Armadas, Umaro Djaló, do CEL e Chefe do Estado-Maior das FARP, José Araújo, do CEL e Comissário Sem Pasta, e outros dirigentes.

No início de um novo ano agrícola, o camarada Presidente visitará as regiões de Tombali e Buba, contactando de perto com

o povo heróico daquela área, uma das primeiras a libertar-se do jugo opressor do colonialismo. O sul é a principal zona

agrícola do País, razão pela qual a visita que agora se inicia se reveste de importância particular.

CONCURSO PARA O ANTE-PROJECTO DO MONUMENTO EM BISSAU AOS MARTIRES DO COLONIALISMO

Amizade entre os povos

Proveniente da República Democrática Alemã, chegou a Bissau na quarta-feira passada o camarada Avito José da Silva, secretário-geral do Comissariado de Estado da Agricultura e Pecuária. Havia ido à RDA a convite da Liga de Amizade Entre os Povos, daquele país, para participar na reunião dos secretários-gerais da Amizade com a RDA na cidade alemã de Weimar. Estiveram presentes representantes de todos os continentes.

«Tivemos a oportunidade de conhecer as resoluções do Nono Congresso da PSUA (Partido Socialista Unificado da Alemanha) e de verificar o programa do desenvolvimento traçado, que garante a continuação da política de solidariedade e da coexistência pacífica da RDA. Visitamos unidades de produção, que nos permitiu um conhecimento generalizado das potencialidades da RDA e do desenvolvimento socialista. Fizemos também uma intervenção nas sessões plenárias».

O Comissariado de Estado de Obras Públicas, Construção e Urbanismo da Guiné-Bissau, abre um concurso público para a execução do ante-projecto para o «Monumento aos Mártires do Colonialismo». O Monumento, no quadro do reconhecimento devido aos sacrifícios consentidos pelo nosso povo e aos seus melhores filhos que deram a própria vida em defesa da causa justa da liberdade contra o jugo colonial, será erigido junto ao Pidjiguiti, onde caíram heroicamente muitos dos nossos filhos, em três de Agosto de 1959. Esta data ficou historicamente eleita como o começo da nossa gloriosa Luta Armada de Libertação.

Artigo 1.º — Poderão candidatar-se todos os cidadãos nacionais, bem como os de nacionalidade estrangeira, radicados no País, em grupo ou individualmente.

Artigo 2.º — Os candidatos deverão apresentar croquis ou plantas à escala 1: 50, em formato de um metro por 70 centímetros; maquete à escala 1: 25, ou simplesmente croquis e maquetes, dando uma ideia do monumento.

Artigo 3.º — Para dar uma ideia da grandeza do monumento a erigir, dá-se, como previsão do seu custo, o montante de 5 milhões de pesos guineenses.

Artigo 4.º — Pelas melhores soluções apresentadas para este monumento, serão distribuídos os seguintes prémios:

Primeiro prémio — 20 mil pesos
Segundo prémio — 15 mil pesos
Terceiro prémio — 5 mil pesos

O total dos prémios é no montante de 40 mil pesos, sendo as classificações dos trabalhos do livre arbítrio do Juri.

Artigo 5.º — A planta de localização estará à venda na Direcção-Geral de Urbanismo, onde serão prestados os esclarecimentos necessários, das 9 às 12 h.

Artigo 6.º — O trabalho classificado em primeiro lugar terá o direito de ser construído, uma vez que o Estúdio para Arquitectura e Urbanismo, do Comissariado, se

encarregará da realização do projecto definitivo.

Artigo 7.º — O Concurso começa no dia em que for publicado nos meios de informações públicas e termina 80 dias depois.

Artigo 8.º Vinte dias depois de acabado o prazo do concurso, os resultados serão publicados através das informações públicas. Todos os trabalhos serão expostos e será organizada uma discussão com os autores.

Artigo 9.º — O Juri será composto pelos camaradas Alberto Lima Gomes, Mário de Andrade, Milanka Lima Gomes e David Danielle di Etasi.

ESPECIALISTA DA R.D.A ESTUDA COMÉRCIO

Regressou na sexta-feira passada à República Democrática Alemã o economista alemão Klaus Lange, que se encontrava no nosso país há seis meses fazendo um estudo do comércio interno da Guiné-Bissau. Ele veio trabalhar no País através de um contrato entre os governos da Guiné-Bissau e da RDA.

Um dos objectivos da sua vinda sobre diversas questões do comércio interno da Guiné-Bissau, essencialmente dos Armazéns do Povo. Elaborei mais de 40 propostas, que poderão servir de base para trabalhos futuros. Todas elas serão submetidas à apreciação do comissário do Comércio, camarada Armando Ramos.

— Os meus estudos incidiram

Essas propostas são apenas uma parte do trabalho. A realização é outra parte mais importante. Mas Klaus Lange acha que depois da sua apreciação, serão postas em prática. Um dos pontos essenciais do trabalho foi elaborar recomendações que visam reforçar as actividades do comércio nacional.

— Transmiti ao fundo as experiências da RDA sobre planificação do comércio e planificação de quadros, promoção e política de preços e do sistema de controle de preços. Tive possibilidades de visitar cerca de 50 armazéns do povo, em Bissau, e no interior. Fiquei muito impressionado pela maneira como está desenvolvido o comércio do povo em geral. Esta actividade que agora se espalhou por todo o país, veio da luta armada de libertação nacional. A partir da independência passou a trabalhar em bases sólidas, contando com a grande experiência que os seus criadores e organizadores trouxeram dessa luta.

Técnicos romenos

Na sequência do acordo de cooperação económica assinado em Bucareste durante a visita à Roménia do Presidente do Conselho de Estado, Luiz Cabral, esteve no nosso País, esta semana, uma delegação de técnicos do Ministério de Minas, Petróleo e Geologia romeno e da Empresa Estatal Geomin.

Os técnicos romenos fizeram visitas a locais de pesquisas minerais e discutiram uma série de assuntos ligados à cooperação na exploração de petróleo, bauxita, fosfato, ilmenites, e areia quartzosa para o aproveitamento eventual na indústria de vidros. Ficou acertada a vinda, dentro de dois meses, de outro grupo de técnicos, dessa vez da empresa Estatal Romepetrol.

RESPONDE O POVO

Que cinema temos?

Os «westerns» baratos norte-americanos e italianos, os filmes japoneses de terceira qualidade e os enlatados feitos em série por prósperas indústrias cinematográficas sucedem-se no nosso cinema. Raras vezes a população de Bissau tem possibilidades, a não ser nas poucas projecções realizadas por comités de bairros, de assistir a um bom filme, um trabalho sério de algum realizador conceituado. O nosso cinema serve apenas para propagar a violência das fitas japonesas, tiros, golpes de karatê, vender a ideologia fascizante das empresas interessadas em lucro fácil. E a formação do nosso povo? E o valor cultural do cinema como obra de arte? Isso foi esquecido? Três estudantes do Liceu de Bissau dão a sua opinião sobre os filmes que são projectados na nossa cidade.

Nina Reis, 19 anos, estudante — «Vou ao cinema, não sei quantas vezes ao mês. Isso depende dos filmes que passam durante um determinado mês. Só vou a filmes que realmente tenham algum interesse. Filmes revolucionários, de carácter formativo, coisas assim. Se fosse escolher filmes através dos actores ou directores seria uma desgraça, porque nós só conhecemos nomes de actores e directores americanos, italianos, japoneses e franceses. São filmes que eram mostrados no tempo colonial (e estamos independentes há bem pouco tempo), esses que não servem para nada quanto ao carácter revolucionário, formativo. Quanto ao trabalho artístico, alguns são realmente bons. A minha escolha é

através do tipo de filme e os que passam no nosso cinema quase que não interessam. É preciso realmente melhorá-los, não estou nada satisfeita com eles. O povo de Bissau precisa de algo que fale mais da deturpação, dos vícios, que tenha mais carácter de formação. Aliás penso que devem acabar com esses filmes Cowboy, especialmente por causa das crianças que vão ser influenciadas por eles. Enfim, acabar com todos os filmes que contribuem para o aumento do vício. O nosso povo não precisa dos filmes de violência, só aumentam as desgraças sociais. Eu sugeria filmes revolucionários, de carácter formativo. O povo nunca deixaria de ir se fossem realmente interessantes, que seria algo novo e ele está ca-

paz de compreender o que quer».

Jacinto Gomes Júnior, 25 anos, estudante — «Tenho ido ao cinema, mas poucas vezes. Só vou quando há filmes de interesse cultural ou político. Prefiro esse tipo de filme. Os filmes que correm no nosso cinema são filmes que não dão nenhuma formação, não têm nada de interesse e portanto não me agradam. Eu acho que o nosso povo precisa de bons filmes, que contribuam para a sua formação política e cultural. Tenho a certeza que se fossem projectados, com a divulgação necessária, o nosso povo nunca deixaria de ir, visto que é algo que interessa na sua formação».

Luís Mendes, 18 anos, estudante — «Tenho ido ao cinema umas cinco vezes ao mês. Costumo ver filmes culturais. Para escolher os filmes, costumo ver o protagonista e o realizador. Os filmes que passam na nossa terra não são lá grande coisa. Geralmente trazem filmes de violência que não interessa para a cultura do nosso povo. Eu queria que apresentassem filmes culturais. Isso sim é necessário agora para o nosso povo.»

NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo

Sai às terças, quintas e sábados

Serviço Informativo das Agências; AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade — 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

Um ano 400,00

Seis meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

Um ano 500,00

Seis meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINE-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — Central — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — Higiene — Rua António N'Banca, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes — 2888/2867

Bombelos — 2222

Polícia:

Primeira Esquadra — 3333

Segunda Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4

TAP — 3991/3

TAGB — 3004

Aeroflot — 3002

Air Argelie — 3775/7

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7h às 17h)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16h às 24h)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8, das 12 às 15 e das 17 às 24 h.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13h 15min., 17, 20h.

AGENDA DO DIA:

As 18h 45min.

CINEMA

HOJE — As 18h 30min. «Almas a Nu», realização de Jean Chapot com Alain Delon, Simone Signoret, Renato Salvatori Catherine Allegret, Paul Grachet, e Bernard Le Coq, m/14 anos. — As 20h 45min. «Longe da Multidão», realização de John Schlesinger com Terence Stamp, Peter Finch e Alan Bates, m/10 anos.

AMANHÃ — As 20h 45min. Longe da Multidão», realização de John Schlesinger com Terence Stamp, Peter Finch e Alan Bates, m/10 anos.

CABO VERDE

A CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA (3)

Contra a especulação as cooperativas de consumo

A criação e o desenvolvimento das cooperativas de consumo em Cabo Verde é uma das manifestações mais evidentes da imaginação e capacidade de iniciativa do povo caboverdiano, perante a necessidade de se defender da sabotagem, do açambarcamento, da especulação desenfreada. Em poucos meses, mais de uma centena de cooperativas estavam de pé, nas quatro principais ilhas do Arquipélago. O movimento conhece hoje um certo declínio, sobretudo devido à falta de poder de compra da população. O Partido e Estado pensam relançar o movimento em moldes mais eficazes e realistas. As cooperativas constituem hoje uma experiência rica, pelas modificações culturais que conseguiram introduzir na vida do povo.

Tudo começou durante o período do governo de transição. O abastecimento nas ilhas encontrava-se, então, num caos. O Partido não tinha ainda estruturas que permitissem evitar injustiças e atropelos. A administração portuguesa nunca tiveram essa preocupação. E não faltava quem quisesse tirar lucros da confusão. Os preços subiam, os artigos faltavam e certos comerciantes não hesitavam na chantagem: só vendiam determinado produto de primeira necessidade a quem levasse outro que, na maioria dos casos, não tinha qualquer utilidade. Era a lei da selva. E, entre a espada e a parede, o consumidor não tinha outro remédio senão conformar-se às exigências dos comerciantes menos escrupulosos.

A princípio, o susto e o espanto impediam as pessoas de reagir. Às vezes, nos bairros, punham-se à conversa e havia quem lembrasse: «Se a gente se juntasse e formasse uma cooperativa, esta especulação acabava». A ideia era apoiada por todos. Mas como um desejo longínquo. Não se passava do «se». As pessoas não estavam habituadas a tomar iniciativas, por medo, e o seu destino sempre estivera nas mãos dos outros.

Como é que apareceu a primeira cooperativa, já ninguém se lembra bem. Mas não foi por milagre. Aliás, não surgiu uma primeira cooperativa, mas várias cooperativas, quase ao mesmo tempo. Em Santiago, Santo António, Sal e S. Vicente. Em pouco tempo, o seu número ultrapassava a centena. Só na ilha de Santiago chegou a haver 85 cooperativas de consumo.

O MILHO AO PÉ DA CASA

Quais foram para as populações as vantagens imediatas da criação de cooperativas de consumo nas suas aldeias? O camarada César, responsável pelo funcionamento da «Cooperativa Unidade Africana», de S. Filipe, nos arredores da Praia, descreve-as em palavras simples:

— Antes de existir a cooperativa, a gente sofria falta de milho. Saíamos com o dinheiro na mão, andávamos quilómetros e quilómetros a pé, e voltávamos para casa de mãos vazias! Agora temos o milho mesmo ao pé da casa.

Quem diz milho, podia dizer também arroz, açúcar, sabão. As cooperativas abastecem o público dos géneros de primeira necessidade.

Em Santiago, montes e vales separam as aldeias entre si. Durante o tempo das chuvas, quando a água escorre pelas riban-

ceiras e transforma os caminhos em pântanos, cada aldeia encontra-se praticamente isolada. Não existindo ali uma estrutura capaz de garantir o abastecimento das famílias, a escassez e a fome são inevitáveis. Hoje, essa estrutura existe: é a cooperativa.

Mas, em breve as cooperativas ultrapassaram o objectivo imediato para que foram criadas. Era impossível, aliás que a sua simples existência não provocasse modificações nos hábitos das pessoas. E, depois, nas ideias. Muita gente pensou: se a união nos permitiu resolver o problema da falta de comida, por que não há-de permitir outras coisas? Foi assim que os habitantes de cada aldeia passaram a juntar-se e a fornecer trabalho voluntário para a construção de escolas, reparação de estradas e outras obras de interesse para a colectividade. Em muitos casos, quando se pensou constituir uma cooperativa, não havia sequer um lugar para guardar os produtos: as pessoas juntaram-se e construíram um armazém.

APRENDER A DECIDIR

Os simples factos de as pessoas quebrarem o seu isolamento e passarem a encontrar-se, a conviver, a discutir e decidir coisas, constitui uma mudança cultural nas suas vidas. Até onde pode ir esta mudança? É difícil dizê-lo. Para a camarada que faz parte da direcção da cooperativa de Chão de Coqueiro, no interior da ilha de Santiago, a mudança foi radical: até à existência da Cooperativa, ela era «uma simples mulher»: cozinheira, tratava da casa e dos filhos, e à noite ouvia as novidades que o marido trazia do campo. Foi escolhida para a comissão directiva da cooperativa, o facto de mostrar a si própria e aos outros que também era capaz de pensar e decidir ao lado dos homens, fez com que passasse a considerar-se uma pessoa. Quer dizer: graças à cooperativa, recuperou a sua dignidade humana.

Os exemplos podiam multiplicar-se. Em Chão de Coqueiro, a escola funciona melhor desde que aí existe a cooperativa. O responsável escolar está perfeitamente integrado nas necessidades da aldeia, participa na vida da cooperativa e através deste contacto consegue convencer as pessoas de que a escola é necessária, de que as crianças e mesmo os adultos, precisam de estudar. A cooperativa e a escola têm promovido, conjuntamente, actividades culturais. No dia 5 de Julho, para comemorar a independência, realizaram um comício

e uma festa, que constituíram mais um passo para a aproximação entre as pessoas.

Aliás, a aldeia de Chão de Coqueiro não está hoje sozinha. Num esforço organizativo e de união, a cooperativa desta aldeia passou a funcionar em estreita ligação com a de outras duas aldeias vizinhas: Baía e Cancela. O cooperativismo avança nestas zonas.

O APOIO DO PARTIDO

Foi para coordenar os esforços das cooperativas e apoiá-las técnica e financeiramente que nasceu, no princípio de Agosto do ano passado, estreitamente ligada à organização do PAIGC em Cabo Verde, a Central de Cooperativas.

Efectivamente, muitas cooperativas debatiam-se com dificuldades de vária ordem e, pouco depois de criadas, ameaçavam morrer. O motivo principal era a falta de poder de compra dos moradores. Noutros casos a falta de experiência de gestão dos sócios provocava a ruína. Além disso, à medida que adquiriam uma certa dimensão, as cooperativas precisavam de recorrer ao crédito. E nenhum dos associados se encontrava em condições de avançar com grandes financiamentos.

Havia também aldeias onde se fazia sentir a necessidade de constituir cooperativas e que não conseguiam lá chegar. Ou por falta de entendimento entre as pessoas, ou por falta de meios, ou por ignorância.

Por todos estes motivos, era necessário um organismo centralizador que, sem abafar a iniciativa das massas, a orientasse no sentido da eficácia e a apoiasse de forma a não se perder.

De início, a Central contava na sua direcção com elementos das cooperativas. Hoje, tem uma direcção técnica e política, formada por militantes do Partido.

O principal da Central consiste em assegurar o abastecimento das cooperativas. Não só dos géneros importados, mas também das ajudas alimentares.

A Central nasceu, por sua vez, dotada de escassos meios de acção.

Para poder cumprir o seu papel, conta com a colaboração da EMPA-Empresa Pública de Abastecimento, organismo estatal que tem por fim importar géneros alimentícios de primeira necessidade, assegurar a estabilização dos preços, dinamizar os canais de distribuição, comercializar as

(8) *ouçãã ou onuzãã*



Amílcar Cabral

A dominação colonial na Guiné

[...] «Como é que chegámos a esta situação da nossa luta? Claro que em toda a parte no mundo, qualquer povo dominado — eu já vos disse isso — tem sempre uma tendência permanente para negar a dominação estrangeira. Isso é normal. O problema é se aparecem ou não nesse meio pessoas capazes de organizar a resistência, se aparecem nesse meio pessoas capazes de encontrar o melhor caminho para desenvolver essa resistência até à vitória.

Os tucas dominaram-nos na Guiné e Cabo Verde, e procuraram, na medida do possível, garantir a sua segurança para essa dominação. Por um lado, na Guiné, escolheram os melhores chefes para os servir, um ou outro chefe que não servia bem, foi mudado; outros foram nomeados como tal, mesmo se não fossem da família dos chefes. Gente que não tinha chefes, como os balantas, arranjaram-lhes chefes, mesmo sendo doutra raça. Deixaram muito poucos filhos da Guiné aprender alguma coisa, criaram os seus meios de defesa, com a polícia de segurança e com outros tipos de polícia e de tropa, deram aos portugueses todo o abuso dentro da nossa terra, puseram os seus serviços de administração, como todos sabem, agindo duro e criminosamente contra a nossa gente. E, para nos distraírem, o trabalho forçado nas estradas, fazer pontes, nas obras públicas em geral, e quando um levantava a cabeça, tarefa, palmatórias, bofetadas, ponta-pés, calabouço, morte. Pouco a pouco, todo um sistema de exploração grande, baseado no comércio do produto da nossa agricultura na Guiné, foi estabelecido e desenvolvido pelos tucas, com bastantes raízes. Claro que uma grande parte da nossa gente, quer no mato, quer na cidade, integrou-se bem nesse sistema de exploração, e os tucas contaram sobretudo com os chefes tradicionais e também, em relação aos centros urbanos, com os chamados **assimilados**, para garantir a sua dominação.

Se vírmos bem, o verdadeiro contacto do nosso povo com o tuga na Guiné, era sobretudo através dos chefes, através dos cipaios e dos assimilados. A outra gente estava longe.

Assimilados, sabem o que é: eram aqueles filhos da nossa terra que, segundo a lei portuguesa, podiam ler e escrever, viver à maneira dos tucas e por isso mesmo muitos dos nossos camaradas, todos os sábados arranjavam o seu garrafão de 5 litros, com o seu bacalhau, para fazerem a sua boa raça de bacalhau com batatas ao domingo (esse é um hábito dos tucas), muita gente começou a aprender a cantar o fado, alguns dos camaradas que estão mesmo aqui sentados, outros agarraram-se aos tucas, a imitá-los, alguns pais exigiam aos filhos que falassem só portugueses.

E os tucas contavam com os seus assimilados para garantirem o futuro da sua dominação, mas tomaram as suas medidas para não haver muitos assimilados, porque se toda a gente fosse assimilada, já seria um perigo para eles. Para eles era preciso que houvesse uns tantos assimilados, poucos, para se poderem servir deles. Porque é assim, se toda a gente virasse assimilada na Guiné, seria impossível que alguns não se levantassem contra os tucas para os pôrem fora. De maneira que estabeleceram aquilo que vocês conhecem: para ser assimilado era preciso saber ler e escrever, para saber ler e escrever era preciso ser filho de assimilado. Era preciso provar que se tinha bilhete de identidade para ir à escola, mas para ter bilhete de identidade era preciso provar que já se foi à escola. Além disso, exigiam, para ser assimilado, uma vida económica garantida, um nível de vida económica garantido. Isso era difícil: casa, mobília, colcha, aparador, armário, mesa, cadeiras, lençóis brancos, além disso garantia de que a vida económica é segura. O que a maioria do povo de Portugal não tem.

Os combatentes lançaram-se dos automóveis e generalizou-se o tiroteio. Soou o alarme nas quatro esquinas do Moncada. O fator surpresa havia fracassado, mas eles continuaram lutando e avançaram até o interior da fortaleza. Era dia 26 de Julho de 1953. Às 5 horas 15 minutos da madrugada, começava a movimentação na Ilha de Cuba. Os revolucionários atacavam os quartéis de Moncada e de Carlos Manoel Céspedes.

Era a primeira ofensiva contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Esse acto de rebeldia significou um episódio na luta armada que haveria de continuar, três anos mais tarde, na Sierra Maestra. A revolução já estava próxima. Seria alcançada no dia primeiro de Janeiro de 1959.

Os 165 jovens cubanos que participaram do assalto pertenciam à chamada geração do centenário — cem anos do nascimento do escritor e revolucionário José Martí. Não se rebelavam apenas contra o espírito do governo nascido do golpe de estado de Março de 1952. Condenavam todo o sistema social e político que imperava em Cuba há 50 anos.

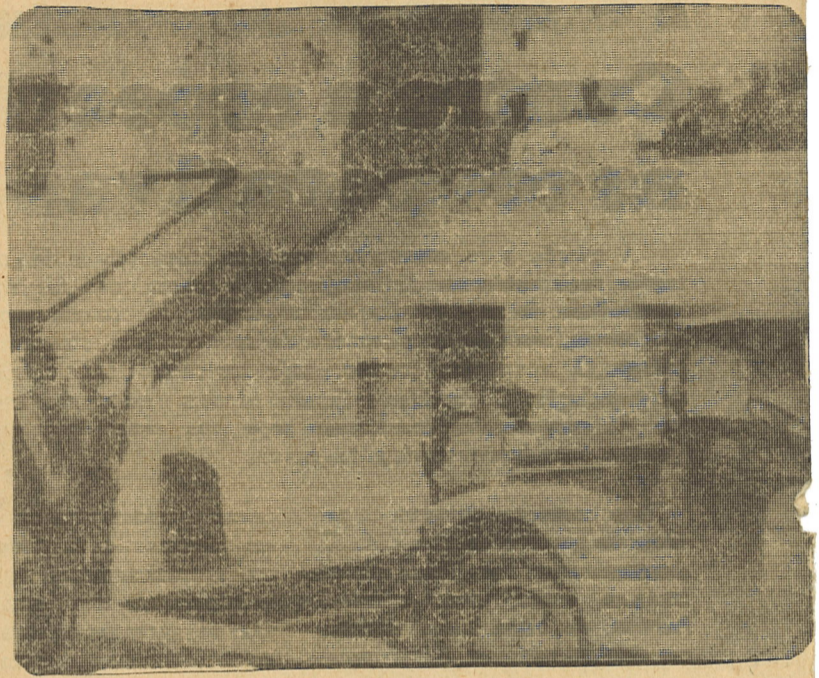
Nesse movimento estavam envolvidos mais de 1500 jovens. Eram, na maioria, da camada operária-estudantil, incluindo também intelectuais, camponeses e alguns desempregados. Mas apenas uma pequena parcela pode participar na ação de Moncada devido à escassez de armamento.

O quartel de Moncada não foi escolhido por acaso. Era a segunda fortaleza militar mais importante do país, a mais distante da capital da república, situava-se em Santiago de Cuba. Isso permitiria aos combatentes apreender armas para o movimento e fortalecerem-se na província oriental enquanto a luta se estendia ao resto do território.

Ao mesmo tempo, seria atacado o quartel Carlos Manoel Céspedes, na cidade de Bayamo, com o objetivo de garantir uma posição estratégica e aliviar a pressão que as forças militares poderiam exercer sobre Santiago de Cuba ao contra-atacarem. O plano incluía a tomada do quartel, do prédio da polícia e a destruição das pontes da estrada principal, nas proximidades de Bayamo.

De acordo com esse plano, Moncada poderia ser o motor de um levantamento popular mais amplo, que conduziria o povo a lutar, unido, por um programa revolucionário. Mas a situação tornou-se difícil para os combatentes. A superioridade numérica — eram mais de mil soldados — e de armamento constituíram um factor decisivo em favor dos defensores do regime de Batista.

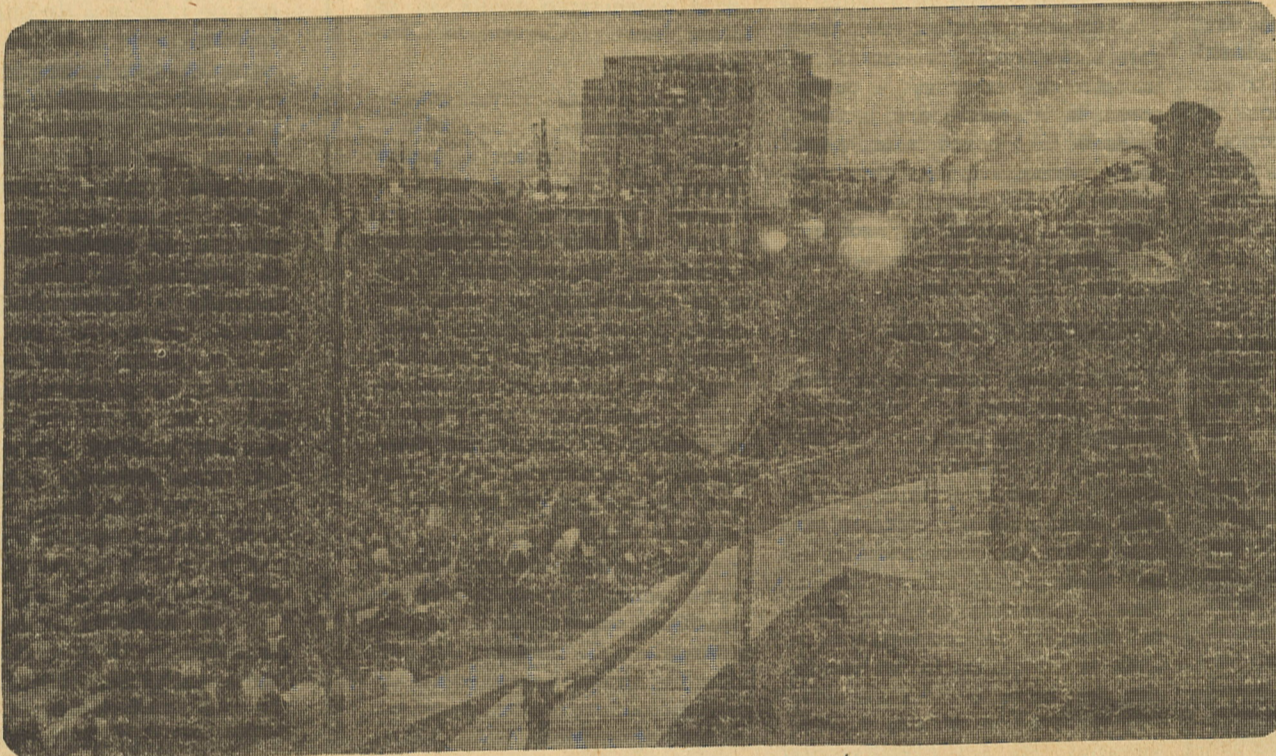
Muitas deficiências impediram o sucesso do assalto. Parte do grupo principal comandado por Fidel Castro, perdeu-se na entrada da cidade e faltou no momento do



26 de Julho de 1953: O quartel de Moncada, momentos depois do

Ha 23 anos

O ataque ao quartel de Moncada início da luta pela libertação



Fidel Castro dirigindo-se ao povo cubano

ataque. Esse sub-grupo era dirigido por Pedro Trigo e levava as melhores armas. Como desconhecia a cidade, seguiu, por engano, o automóvel dos integrantes de um grupo da universidade que havia desistido de participar e regressava a Havana. Apercebendo-se de seu erro, Trigo e seus companheiros voltaram para a cidade, conseguindo chegar ao quartel de Moncada, quando Fidel dava ordem de retirada, ao compreender que a situação era insustentável.

121 HOMENS
EM 26 AUTOMÓVEIS.
DESTINO: QUARTEL
DE MONCADA

Da Granja Siboney partiram 26 automóveis com destino a Moncada. Os revolucionários estavam divididos em três grupos para pôr em prática o plano de ação. Vinte e um homens, comandados por Abel Santamaria, ocupariam o Hospital Civil Saturnino Lara que cobria o lado oeste do quartel. No

Ordem de Batista:

"Matar dez prisioneiros por cada soldado morto"

Fidel e seus acompanhantes foram presos ao amanhecer do dia primeiro de Agosto. Surpreendidos por uma patrulha do exército, enquanto dormiam. Mas a repressão já se havia iniciado antes, logo depois do ataque, quando começaram a aparecer cadáveres de jovens nos arredores da Bayamo.

Quando Batista e o seu Estado Maior souberam que o número de baixas entre os soldados havia sido muito maior do que entre os revolucionários, fizeram uma reunião de urgência. Decidiram que «era uma vergonha e desonra para o exército ter tido um número três vezes maior de mortos e feridos durante o combate». E foi dada a ordem para os assassinos: «É preciso matar dez prisioneiros para cada soldado morto».

O médico Mário Muñoz foi o primeiro assassinado. Levou um tiro nas costas quando era levado, vestido com sua bata de trabalho, do

Hospital Civil, recém invadido pelos soldados, para o quartel de Moncada. O último foi Marcos Martí, detido em Siboney no dia 30 de Julho. Morto quando caminhava por uma estrada, com os braços levantados, escoltado por soldados. Também pelas costas.

A imprensa oficial e o próprio governo quiseram preparar a população para que aceitasse, tranquilamente, o banho de sangue efectuado pelo exército. Não tiveram escrúpulos em cair em contradições: enquanto um coronel falava em 33 mortos, Batista anunciava que eram 32 e jornais noticiavam mais de 80. Depois de dez dias, o número final de atacantes mortos: 82. Apenas cinco feridos.

As provas do massacre foram muitas. Fotos mostravam revolucionários mortos a tiros, com os rostos desfigurados por coronhadas de fuzis. Não tinham um único furo de bala nas roupas que vestiam. O

próprio Fidel, durante o juízo a e atacou o regime sócio-económico que foi submetido mais tarde, desmascarou os assassinos de Batista com uma pergunta que ficou sem resposta: «Como podem explicar-me a fabulosa proporção de 16 mortos para um ferido?»

O julgamento dos participantes de Moncada começou no dia 21 de Setembro. O Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba havia sido encarregado da causa 37 de 1953. Os acusados eram mais de uma centena, já que junto aos combatentes presos foram incluídos vários suspeitos e líderes políticos da oposição. Fidel assumiu a sua própria defesa e expressou-se perante o Tribunal:

— Senhor juiz, nem os partidos políticos, nem os políticos, tiveram participação nesse movimento. Não tinham conhecimento. Sabemos muito bem como pensar e como actuar os políticos, não importa de

sue partidos sejam, inclusive o Ortodoxo, a que estou filiado e ao qual pertence a maioria dos que me seguiram. Por isso não informamos nenhum político dos nossos propósitos, e de nenhum solicitamos ou obtivemos cooperação em sentido algum. Não tenho o interesse de fazer política nesse julgamento e apenas me anima o propósito inquebrantável de que se conheça a verdade.

Fidel continuou em Santiago, incommunicável, esperando o prosseguimento do julgamento. Seria julgado no mês de Outubro, num pequeno quarto do Hospital Saturnino Lara, rodeado por policiais. Com um auditório de baionetas e metralhadoras pronunciou o discurso «A História me absolverá», que constitui um dos documentos políticos mais importantes da história cubana.

Na sua autodefesa Fidel denunciou a violação das normas legais

e atacou o regime sócio-económico existente em Cuba. «O quartel Moncada converteu-se num centro de tortura e morte e uns homens indignos converteram o uniforme militar em aventais de carneiros».

Fidel Castro, foi condenado a 15 anos de prisão e transferido para a penitenciária da Ilha de Pinos. Aparentemente, Batista havia ganhado uma batalha. Mas de um extremo a outro da Ilha de Cuba eram analisados os fatos conhecidos clandestinamente. Já não era segredo que «el hombre fuerte» do imperialismo norte-americano e seu exército mercenário estavam abalados pelo novo método de luta.

Começava a surgir a consciência revolucionária nas massas. No presídio, os combatentes de Moncada a amadureceram seus planos de luta e fundaram o Movimento Revolucionário 26 de Julho. A Sierra Maestra em armas já não estava tão distante.

Recordações do embaixador:

Um menino morto na rua, as fotos nos jornais

O noticiário dos jornais sobre o assalto ao quartel de Moncada pode não despertar grande interesse numa criança. Mas o que ela nunca mais esquece, com toda a certeza, é o foto de um outro menino, *el niño Cala*, morto no meio da rua, metralhado pelos soldados de Batista. É justamente essa a principal recordação que o actual embaixador de Cuba na Guiné-Bissau, Afonso Morales, *Pina*, com oito anos na época, tem do dia 26 de Julho de 1953.

Lembra-se pouco desse dia. Os jornais e revistas com notícias sobre o assalto e as fotos do quartel, dos mortos, foram apreendidos aos vendedores pela polícia do ditador que impôs severa censura sobre a imprensa. Moncada era uma palavra proibida.

— O «*nino Cala*» morreu de madrugada, logo depois do assalto. Havia saído de casa para comprar pão. Os soldados, de longe, num jipe, suspeitaram do embrulho que carregava debaixo do braço, apertado contra o peito. Atiraram sem fazer perguntas. Criança ou adulto, não havia diferença.

Cuba inteira, sem notícias da Imprensa, passou a informar-se dos detalhes do ataque, da repressão policial, apenas através de comentários, de boatos. O assassinato dos revolucionários, o posterior julgamento dos que resistiram às torturas e não foram mortos — inclusive Fidel e Raul Castro — era assunto para ser falado em voz baixa nas ruas, nos cafés.

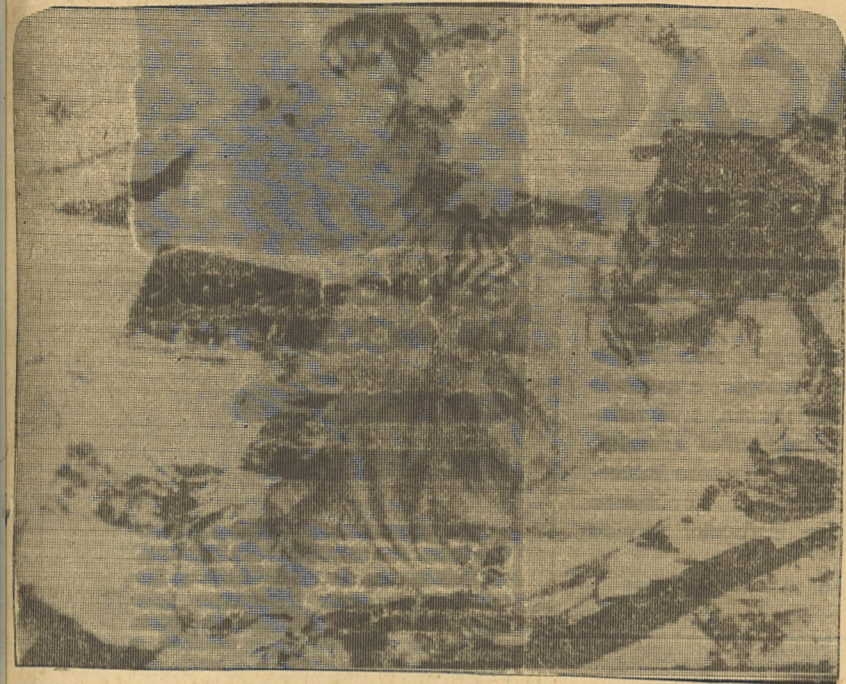
A família de Morales sabia um pouco mais sobre os acontecimentos. O irmão, da Juventude do Partido Comunista, encarregava-se de passar as informações a que tinha acesso. Isso, até ser obrigado a entrar na clandestinidade, com o aumento da repressão por toda a ilha.

Morales só conheceu com o tempo a verdadeira história de Moncada e a importância política do assalto. «*Foi o início da luta pela nossa segunda independência. Dessa vez total. Dos 265 atacantes do quartel, mais de 80 foram assassinados depois de presos. Durante o ataque havia morrido só oito. Como as baixas entre os soldados foram grandes — 19 mortos e 25 feridos — o comandante do exército, general Ta-*

bernilha, mandou liquidar dez revolucionários para cada soldado morto.»

Nos dias que se seguiram ao assalto, Cuba conheceu uma das maiores fases de terror e repressão de toda a sua história. «*Os nossos feridos foram retirados dos hospitais e assassinados. Os cadáveres dos que haviam escapado e se refugiado nas montanhas, apareciam, em grupos, nas margens de estradas, em praias desertas, dentro de poços. No final, os revolucionários tinham mais de 80 mortos, quase nenhum ferido.*»

Por tudo isso, pelos heróis assassinados, pelo significado político do assalto, dia 26 é festa nacional em Cuba. Aqui em Bissau, para comemorar, a Embaixada organizou uma série de competições desportivas entre funcionários soviéticos, cubanos e da República Democrática Alemã. Também foi montada uma exposição de fotos da época — do quartel, do assalto, dos revolucionários — que está aberta até hoje à noite, na sede da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau, na Rua Domingos Ramos, número sete.



Ataque e um dos patriotas assassinado pelas tropas do ditador Batista

Moncada: o de Cuba

segundo grupo, cinco homens, ao mando de Raul Castro, tomariam o Palácio da Justiça, localizado ao sul do quartel. Fidel Castro dirigia os 95 revolucionários encarregados do assalto a Moncada.

Todos vestiam uniformes militares iguais ao do exército de Batista. Havia conseguido através de um soldado que trabalhava como enfermeiro no Hospital Militar de Colúmbia e acabou por participar no assalto. As armas haviam sido compradas em lojas da capital: espingardas automáticas de cinco cartuchos, calibre 12; rifles semi-automáticos, calibre 22. Obtiveram também uma metralhadora a Browning 45, uma carabina M-1, rifles Winchester, calibre 44 e algumas pistolas.

Um manifesto político redigido em 23 de Julho por Raul Gomes Garcia, que sintetizava o programa de Moncada, foi distribuído na hora do ataque para políticos e jornalistas. Começava com as seguintes palavras: «*Na vergonha dos homens de Cuba está o triunfo da Revolução Cubana. A Revolução de Céspedes, de Agramonte, de Maceo e Martí, de Mella e de Guiteras, de Trejo e de Chubás, a verdadeira Revolução que ainda não terminou. Pela dignidade e o decoro dos homens de Cuba a Revolução triunfará.*»

Ainda pela madrugada, antes de partir para o quartel, logo depois da distribuição das armas e dos uniformes, Fidel Castro fez um rápido discurso para os revolucionários. «*Companheiros: Poderão vencer dentro de umas horas, ou serem vencidos. Mas, de todas as maneiras, ouçam bem, companheiros, de todas as maneiras este movimento triunfará. Se vencerem amanhã, conseguir-se-á mais rápido o que aspirou Martí. Se ocorrer o contrário, o gesto servirá de exemplo ao povo de Cuba e deste próprio povo sairão outras jovens dispostos a morrer por Cuba, a tomar a bandeira e seguir em frente. O povo nos garantirá no Oriente e em toda a Ilha. Jovens do Centenário do Apóstolo, como em 68 e em 95 aqui no Oriente, damos o primeiro grito de Liberdade ou Morte. Vocês já conhecem o objectivo do plano, sem dúvida alguma é perigoso, e todo aquele que sair esta noite comigo daqui deve fazê-lo por sua absoluta vontade. Ainda estão a tempo para decidir. De todos os modos, alguns terão que ficar por falta de armas. Os que estão determinados a ir, dêem um passo*

à frente. O plano é não matar, a não ser por última necessidade».

O QUARTEL JÁ NÃO PODE SER TOMADO. FIDEL DÁ ORDEM DE RETIRADA

Fidel chegou ao quartel com o primeiro sub-grupo de 45 homens. Atrás vinha o outro, comandado por Renato Guitart que forçou a porta número três sem nenhuma dificuldade. Ao penetrar na fortaleza, Fidel teve problemas. Inicialmente com um soldado que desconfiou daqueles homens vestidos de militares, e fez menção de sacar o revólver. Foi atingido. O alarme tocava em Moncada.

Renato Guitart e os seus companheiros tentavam tomar a sala do rádio, mas assim que a localizaram, foram rechacados, desenvolvendo-se uma resistência similar na barbearia do quartel. Jesus Montané, Pepe Soares e Ramiro Valdés conseguiram penetrar em um dos alojamentos e prenderam 50 soldados. Fidel encarregou Fernando Chenard de transmitir aos combatentes do Palácio da Justiça e do Hospital Civil a ordem de retirada. Este, no entanto, caiu mortalmente ferido durante o trajecto e a mensagem não chegou a Raul Castro nem a Abel Santamaria.

Alguns revolucionários tentaram recuperar os automóveis com a ideia de regressar a Ciboney. Fidel, pensando nos homens que combatiam em Bayamo, decidiu que o grupo iria para El Caney, com o objectivo de atacar o pequeno quartel do exército para tomar armas. Mas o desconhecimento da capital Oriental teve novamente um papel negativo. O motorista do primeiro carro perdeu-se na estrada. Outros atacantes de Moncada decidiram livrar-se dos seus uniformes militares. Em trajes civis, encaminharam-se para o centro da cidade. Porém, poucos concretizaram o seu propósito. É repressão não se fez esperar.

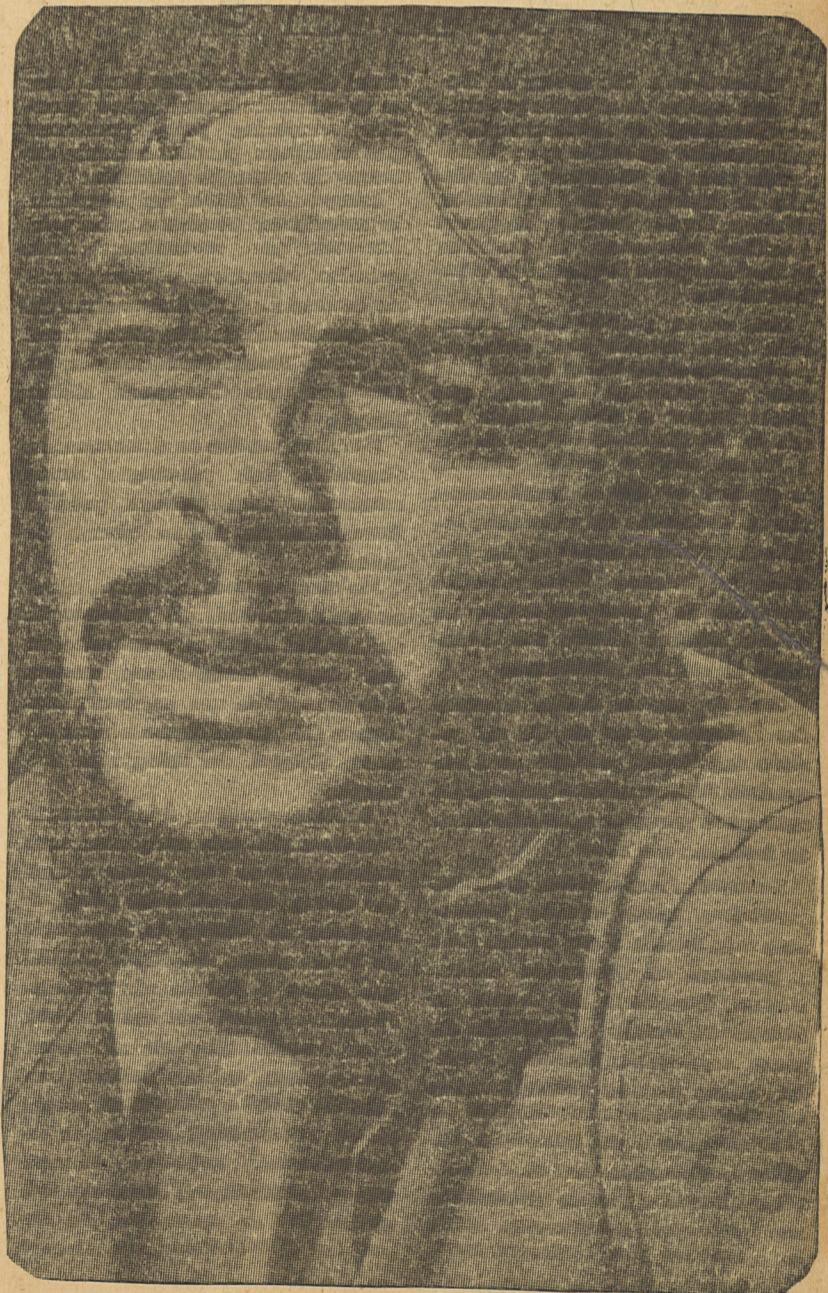
O grupo comandado por Raul Castro, que deveria tomar o Palácio da Justiça, cumpriu seus objectivos. Ele e cinco combatentes entraram no edifício e aprisionaram o soldado que abriu a porta. Penetraram rapidamente pelo interior do prédio e capturaram outros seis soldados, responsáveis pela segurança. Em seguida,

ocuparam posições na parte alta do Palácio para começar a abrir fogo sobre a fortaleza. No meio do combate capturaram cinco polícias que chegaram ao local desconhecendo que este estava em poder das forças revolucionárias. Ao perceber que o combate em Moncada havia cessado, Raul Castro deu ordens de retirada.

A ocupação do Hospital por Abel Santamaria e 21 combatentes consumou-se rapidamente: havia apenas um guarda na porta principal. Os revolucionários avançaram imediatamente para o fundo do hospital, cujas janelas davam para Moncada, e apoiaram a acção do grupo de Fidel Castro. Como também não receberam a ordem e retirada, seguiram combatendo. Ao terminar o tiroteio em Moncada, o exército concentrou a sua represália sobre o hospital. E os revolucionários resistiram até às 7 horas.

Os soldados, no entanto, demoraram uma hora para penetrarem nas instalações do Saturnino Lara. Só um atacante estava ferido, sem gravidade, portanto, todo o grupo vestiu roupas de enfermeiros e permaneceu na sala do hospital. Quando o exército chegou pelas 8 horas, foi descobrindo os revolucionários por denúncia de homens que se haviam refugiado no hospital durante o combate.

O ataque a Moncada havia terminado. Oito revolucionários foram mortos em combate e alguns feridos. Por sua vez, o exército de Batista, tinha sofrido 44 baixas: 18 mortos em Santiago de Cuba, um em Baxayamo, 25 feridos.



Che Guevara, herói do povo cubano

ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PAGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ensino

A NOVA ESTRUTURA DO SISTEMA NACIONAL

O Conselho dos Comissários de Estado reunido no passado dia 21, aprovou em linhas gerais a proposta de transformação da estrutura do sistema nacional do ensino, apresentada pelo Camarada Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura e que começará a ser aplicado no ano lectivo de 1976/77 ficando concluída a sua execução no ano lectivo de 1981/82.

A inovação do sistema nacional do ensino, inclui a nomenclatura a aplicar nos diferentes níveis do ensino e estabelece as condições a obedecer na selecção dos candidatos para escalões superiores do ensino, o estabelecimento dum calendário de transição do actual sistema para o novo e ainda da preparação dos novos programas de ensino e dos professores.

Não obstante o acordo prévio do Conselho dos Comissários e na intenção de levar ao conhecimento público os objectivos a atingir, o Comissariado de Esta-

do da Educação Nacional e Cultura, vai publicar uma série de artigos nesta página e conceder entrevistas na nossa Radiodifusão, com a finalidade de provocar um debate nacional à volta do problema da educação em geral e do ensino em particular.

A educação não é só um trabalho do Comissariado da Educação, a educação na nossa terra é um trabalho de todo o nosso povo, por isso, nós agradecemos que todos os cidadãos, conscientes da importância que o desenvolvimento e a democratização da educação na nossa terra tem para o progresso e felicidade de todo o nosso povo, participem neste debate com ideias, sugestões, críticas e nos escrevam para:

Conselho Técnico Docente
Comissariado de Estado
da Educação Nacional e Cultura
C.P. 353 — Bissau

A "Maximo Gorki" lança a alfabetização em Co

Deslocou-se a C6, sector de Bula, uma equipa constituída por dois coordenadores de alfabetização e um educador sanitário que, juntamente com os camaradas da Escola de Superação de Professores, Máximo Gorki, abordou algumas questões referentes ao trabalho já iniciado pelas brigadas de alfabetizadores.

Com efeito, a direcção do Internato, após reunião com todos os professores-estagiários, decidiu criar as referidas brigadas que iriam lançar a alfabetização no seio da população da secção de C6. Foram abertos quatro círculos de cultura em que se inscreveram não só elementos da população local mas também membros dos Comités de Tabanca. Estes círculos são assistidos pelos camaradas da Escola Máximo Gorki, sob orientação de um dos professores.

Contudo, alguns destes camaradas ausentaram-se de C6 no período das férias, pelo que será necessário formar alfabetizadores locais, para garantir a continuidade do trabalho em curso.

Durante a sua estadia, a equipa participou numa reunião promovida pela Escola e que contou com a presença do Camarada Albino Mango, Presidente do Comité de Estado da Secção e Deputado da nossa Assembleia Nacional Popular. Nesta reunião foram focadas a importância e a necessidade da Alfabetização e da Educação Sanitária na etapa actual da Reconstrução Nacional, tendo igualmente sido prestadas informações sobre as actividades do Departamento de Alfabetização e do Serviço Na-

cional de Educação Sanitária, bem como esclarecimentos sobre questões levantadas pelos presentes que incidiram particularmente no campo da educação sanitária.

Integrou-se ainda no programa de actividades levadas a cabo pelo Internato que consistiram num trabalho voluntário e num comício dedicado ao 1.º Aniversário da Independência da República irmã de Cabo Verde. Este comício foi presidido pelo Camarada Albino Mango.

Por fim, visitou-se a tabanca da Cassinate cuja população havia construído uma barraca para o funcionamento de um círculo de cultura.

No seu regresso, a equipa apresentou à Comissão de Coordenação de Alfabetização os resultados da sua viagem tendo ficado assente a deslocação de um dos seus membros a C6, aonde durante uma semana dirigirá um estágio de formação.

A Alfabetização e a Educação Sanitária são pois mais duas actividades que se vêm juntar a muitas outras desenvolvidas pelos camaradas da Escola de Superação de Professores, MÁXIMO GORKI que aliam o Estudo ao Trabalho Produtivo, intervindo activamente, e em coordenação com os responsáveis locais, na vida política, económica, social e cultural da secção de C6. Promovendo sessões de esclarecimento, trabalhos voluntários e manifestações culturais. São igualmente os camaradas da Escola, os responsáveis pelo Comité da J.A.A.C. de C6.

«Seja qual for a sua forma, a luta exige a mobilização e a organização da grande maioria da população, a unidade política e moral das diversas categorias sociais, a liquidação progressiva dos vestígios da mentalidade tribal e feudal, da rejeição das regras e dos tabus sociais e religiosos incompatíveis com o carácter racional e nacional do movimento libertador, e muitas outras modificações profundas na vida das populações».

AMÍLCAR CABRAL

Formação de professores EDUCAÇÃO SEXUAL

O tema namoro e por extensão a educação sexual dos nossos jovens, é particularmente difícil de ser abordado e requer muita seriedade e muita sensibilidade por parte dos orientadores.

Mas não é por ser um assunto delicado que os pais e educadores se devem alienar da questão. Não quer pensar no assunto, não vai fazer com que ele deixe de existir e de um modo cada vez mais urgente e dramático.

Uma atitude honesta, firme, sem falsos moralismos é o que o adolescente espera dos mais velhos.

Pensamos que não há grande diferença entre o namoro de ontem e o de hoje.

O que parece preocupar os adultos, não é propriamente o namoro em si, mas um desregramento maior de atitudes que se observam entre os jovens. É verdade que as gerações mais velhas sempre fizeram restrições ao comportamento das gerações mais novas. Os mais velhos, nas suas respectivas épocas, criticaram sempre os mais jovens. Mas não podemos deixar de reconhecer que os padrões de comportamento adoptados por grande número de jovens hoje, está a perturbar bastante o mundo adulto.

A DESINIBIÇÃO ACTUAL — Estamos certos que o namoro é natural entre os jovens e até sob certos aspectos, recomendável. Em geral, os rapazes tornam-se mais ordeiros e disciplinados quando têm a namorada perto e as raparigas em geral também melhoram os seus padrões de conduta quando os namorados são seus companheiros de escola ou de outras actividades.

Não consideramos no entanto, que se devam atribuir a namoro esses tipos de comportamento que vêm sendo criticados.

Certamente, agora os jovens são menos inibidos e permitem-se a certas atitudes que seriam consideradas escandalosas há 15 ou 20 anos. Não se trata porém, de nenhuma forma de namoro. Na realidade, instituíram-se alguns hábitos modernos que não devem ser censurados. Hoje, qualquer rapariga ou rapaz beija com o maior desembaraço, indiscriminadamente, todos os seus amigos, sem que isso signifique que eles tenham um interesse especial por este ou por aquela. Mas não se deve confundir o que está na moda com os princípios morais.

Alguns tipos de conduta excessivamente livres, certos tipos de comportamento sexual impróprios e inconvenientes em público, não podem ser relutados de namoro, e nem devem ser tolerados pelos pais e educadores.

Mas a grande reivindicação dos jovens, hoje em dia, é a necessidade de se conhecerem melhor.

Conversando, as pessoas entendem-se melhor, ficam mais ricas. Antes, a mulher preparava uma situação

para o homem agir, hoje ela age. Antigamente sonhava demasiado, hoje ela conhece bem todas as realidades porque a intimidade é muito maior.

Mas se o amor mudou, foi em função das pessoas que mudaram. E o homem só mudou porque a mulher mudou também.

NAMORO DE HOJE — O namoro entre os adolescentes dos centros urbanos tem evoluído aos poucos. Quando a filha mora com os pais, entende-se bem com eles e é normal que eles a queiram ver «bem encaaminhada», e ela em geral, quer mesmo namorar, noivar e casar.

Se mora sózinha, tem que prestar contas a si mesma. As suas responsabilidades aumentam e também a sua exigência na escolha. O que existe actualmente é uma grande insegurança por parte daqueles que educam. Muitas vezes os pais não sabem exactamente o que devem permitir ou proibir.

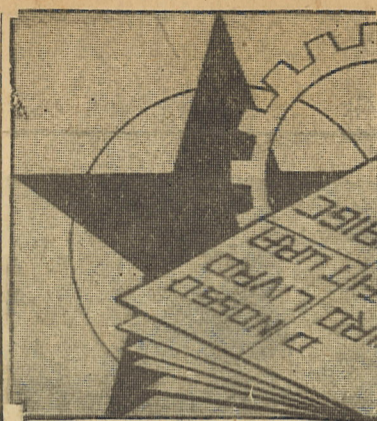
O adolescente é bastante inseguro, às vezes ostenta uma atitude de autoconfiança e autosuficiência que não representa a sua realidade interior. Ele no fundo aprecia sentir que é conduzido e respeita a autoridade na qual reconhece estabilidade, firmeza e insegurança. Os pais ou educadores fracos, que permitem tudo, não possibilitam a identificação do jovem com eles, daí tanto desacerto e incompreensão nas relações entre adultos e jovens.

Mas sabemos também claramente que os pais e educadores fortes, não são os que usam a violência ou a força física para dominar os filhos. As atitudes firmes, a segurança no exame dos problemas, o não dito na hora certa e, principalmente o amor que deve envolver todas as atitudes que emanam dos pais e educadores, constituem a sua força e autoridade.

PEQUENOS ANUNCIOS

AGRADECIMENTO

Mulher, filhos e demais familiares, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam o seu ente querido, Florentino da Silva Araújo, à sua última morada, ou que de qualquer forma manifestaram o seu pesar, não fazendo directamente por desconhecimento de morada.



CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

OS HOMENS DE PEDRA

Isto passou-se há muitos e muitos anos. Ao contrário do habitual, os habitantes de uma tabanca pequenina do leste passavam pelo povo menos hospitaleiro da nossa terra. O viajante que tivesse a infelicidade de chegar a essa tabanca de noite, estaria certo que dormiria ao ar livre e de estômago vazia mas, se chegasse durante o dia, acontecer-lhe-ia exactamente a mesma coisa.

No entanto, nesta tabanca reinava a abundância e, em vez de distribuírem o que tinham a mais aos viajantes de passagem, preferiam tudo dar aos animais de casa.

Uma tarde, estes homens sem coração viram chegar à sua bela tabanca, seguido de uma nuvem moscas verdes, um jovem andrajoso, coberto de grandes chagas da cabeça aos pés. Ele trazia na mão esquerda a lata das esmolas e na direita um ramo de árvore para sacudir as moscas. Toda a gente que passava por ele tinha que tapar o nariz, devida a um odor de cadáver em decomposição.

Este jovem paupérrimo ia de casa em casa pedindo uma caneca de água, um pouco de arroz e também se fosse possível um teto para passar a noite mas, em todas as casas as pessoas troçavam dele e negavam-se a dar-lhe qualquer ajuda.

Em todas, excepto numa, a última casa da tabanca. Ai, um homem e a sua mulher ofereceram-lhe hospitalidade. Ajudada pela sua filha mais velha, a mulher lavou com cuidado todas as chagas do pobre jovem e depois de lhe oferecerem uma boa refeição, deram-lhe também um quarto para dormir.

Mas, contra tudo o que se esperava, o visitante não queria passar a noite na tabanca, e mais surpreendente ainda foi o pedido que ele fez a família quando se estava a despedir deles:

— Eu vou-me embora, dizia ele, mas peço-vos que deixem esta tabanca com todos os vossos bens esta noite, antes que o galo cante. Obrigalo camaradas!

A família correu a avisar todos os seus parentes mas, nenhum deles quis abandonar a tabanca. Eles tiveram que partir sós e levar toda a sua família e todos os seus bens.

No dia seguinte, logo que o sol levantou, todos os habitantes da tabanca estavam transformados em pedra, e um silêncio fúnebre envolvia todas as redondezas.

Os homens grandes da nossa terra sabem que esta história é verdadeira, que esta tabanca existe ainda algures no leste da nossa terra mas, apesar que de muito terem viajado, nenhum deles a conheceu no tempo da abundância ou no tempo dos homens de pedra...

Centrais nucleares para o Brasil

BONA — Foi assinado um acordo entre a sociedade da R.F.A. «Kraftwerkunion» e as autoridades brasileiras, para fornecimento de duas centrais nucleares da R.F.A. ao Brasil.

O acordo de 22 de Julho é uma concretização do contrato estabelecido em Junho de 1975 entre a Alemanha Federal e o Brasil, que previa a entrega durante 15 anos, de oito centrais nucleares, assim como a construção no solo brasileiro de várias instalações importantes.

O montante deste acordo eleva-se a mais de dez biliões de dólares. O acordo foi assinado três semanas depois da assinatura entre a mesma sociedade da R.F.A. e o Irão de um contrato sobre a construção de duas centrais nucleares, pela Alemanha Federal.

O POVO MOÇAMBICANO LUTA CONTRA DOENÇA

MAPUTO (TASS) — A saúde do povo é um dos maiores objectivos do governo da República Popular de Moçambique. Sob a dominação colonial não havia mais do que 165 médicos para seis milhões de habitantes. Por cada duas pessoas que nasciam morria uma. Numerosas doenças, febres, malária, peste, lepra, assolavam o país.

Actualmente, são desenvolvidos grandes esforços através de todo o país para eliminar essas doenças. A província de Niassa (norte do país), contando 500 mil habitantes, oferece um bom exemplo. A luta contra as doenças desenrola-se sob a divisa: «Criemos em Niassa excelentes condições sanitárias e higiénicas».

São abertos em numerosas aldeias do país postos de primeiros socorros. O hospital da capital da província, que tinha sido destruído

A formação do governo em Itália

ROMA (AFP) — O Partido Comunista Italiano apresentou as suas condições à Democracia Cristã para que o eventual governo minoritário que formará Giulio Andreotti beneficie da sua abstenção, no voto de investidura no Parlamento.

Estas condições foram expostas por Alessandro Natta, presidente do grupo comunista na Câmara, numa entrevista ao «Unita», órgão do PCI. Uma vez mais, o dirigente comunista sublinhou a necessidade de se chegar a um «entendimento entre todas as forças democráticas e populares» que deverá concretizar-se sob a forma de um «governo de solidariedade e de unidade nacional». Natta precisou, no entanto, que os comunistas não rejeitaram outras soluções, mesmo as de um governo minoritário. «Apenas hoje, um governo deste género não pode nascer e não poderá viver e trabalhar sem fazer apelo ao PCI e obter o seu acordo».

«A abstenção do PCI constituirá uma grande novidade e terá a maior importância», admitiu Natta. «Não basta pedir para obter, todo o convite ou solicitação deverá comprometer não apenas o Presidente do Conselho mas também os Partidos e em primeiro lugar a Democracia Cristã».

100 PAISES NAO-ALINHADOS E MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NA CONFERÊNCIA DE COLOMBO

COLOMBO — Mais de 100 países e movimentos de libertação participaram na quinta conferência dos chefes de Estado e de governo dos países não-alinhados. Todos os convites aos países, membros activos do movimento, aos países observadores assim como aos representantes dos movimentos de libertação com estatuto de observadores, já foram avisados. Foi o que declarou em Colombo Lakshman Jayakodi, ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros.

Expondo os critérios a partir dos quais o país hópede enviou os convites, o ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros sublinhou a importância dos «critérios de Belgrado», adoptados na primeira conferência dos países não-alinhados. «Conforme estes critérios, não foi dirigido convite, nem será, ao governo chileno, se bem que o Chile

como país e como nação não tenha nunca sido excluído do movimento do não-alinhamento. O governo militar de Santiago foi condenado por todos os países não-alinhados e, com a Junta militar, o Chile nunca agiu como um país não-alinhado».

Foram enviados convites aos seguintes países observadores: Barbados, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Salvador, México, Uruguai e Venezuela.

O governo de Sri Lanka enviou convites aos representantes dos seguintes movimentos e organizações: Congresso Nacional Africano (ANC), Congresso Panafricano Azaniano (Paca), Partido Socialista do Porto Rico, Onu, OUA, Liga Árabe, Ospa, Conselho Nacional Africano do Zimbábue, Movimento de Libertação de Djibuti, Swapo e a Frente de Libertação da Costa da Somália.

No que respeita aos convidados, o Sri Lanka como país hópede mandou três convites apenas: à Áustria, à Finlândia e à Suécia, dado que o entendimento a este respeito na recente reunião dos ministros dos países membros do bureau coordenador em Argel. Foi comunicado aos governos da Suíça e de Portugal, que tinham pedido o estatuto de convidados à conferência, que os visas de entrada em Sri Lanka foram entregues, aguardando-se que a conferência regule definitivamente a questão da sua eventual presença. Foi procedido simultaneamente com os representantes da Roménia e das Filipinas, a fim de que eles possam

chegar a tempo a Colombo, mas a decisão sobre os pedidos destes países de participar a título de observadores será tomada posteriormente pela conferência.

FRETILIN REJEITA ANEXAÇÃO

PEQUIM — Segundo a rádio de Timor Leste captada em Darwin, Nicolau Lobato, Vice-Presidente da Fretilin e Primeiro-Ministro da República Democrática de Timor Leste, anunciou no passado dia 20, numa mensagem, que o Comité Político da Fretilin tinha aprovado por unanimidade, depois de uma reunião extraordinária em 18 de Julho, uma moção contra a integração forçada na Indonésia da região de Timor Leste controlada pelas forças da Fretilin.

Eis a mensagem: «O governo de Suharto, em flagrante violação da Carta da ONU e da resolução sobre Timor Leste adoptada pela Assembleia Geral e o Conselho de Segurança, anunciou a integração forçada da República Democrática de Timor Oriental na Indonésia. A mensagem sublinha que a Fretilin condena em público o governo de Djakarta pela sua política colonialista e reafirma a sua determinação de continuar a guerra e de expulsar as tropas de agressão indonésias, a fim de consolidar a independência nacional e conceder a liberdade total ao povo de Timor Leste».

CUBA AO LADO DE ANGOLA

HAVANA (AFP) — O exército cubano está pronto a defender o céu da pátria angolana cada vez que o seu governo nos pedir», declarou no sábado, em Cuba, o comandante Eduardo Hernandez, chefe da Brigada Aérea cubana «Praia Girão» ao Presidente angolano, Agostinho Neto, que efectua desde quinta-feira uma visita oficial a Cuba.

O Presidente angolano estava ao lado do primeiro-ministro cubano Fidel Castro em Pinar Del Rio, no oeste de Cuba, por ocasião da festa nacional cubana.

Chegado a 22 de Julho a Havana,

chefiando uma importante delegação para uma visita de amizade e de solidariedade militante, o Presidente Agostinho Neto teve conversações com os responsáveis cubanos sobre a assistência cubana a Angola. Agostinho Neto é acompanhado pelo chefe de Estado-Maior adjunto das FAPLA e pelo seu comissário político, os comandantes Jacob Caetano e Bakalov.

Acompanhar igualmente, o Presidente alguns ministros e responsáveis económicos e técnicos, a fim de discutirem com os seus homólogos cubanos as possibilidades de cooperação económica.

PROSSEGUEM OS COMBATES EM BEIRUTE

Após um cessar-fogo de breve duração assinado no domingo de manhã, a guerra prossegue de novo, no Líbano. Os combates, em Beirute, assumem as mesmas proporções de sempre e a lista de mortos aumenta sem cessar.

Algumas 500 pessoas escondidas num abrigo subterrâneo próximo do campo palestino de Tall El Zaatar, assediado pelas forças da direita, foram mortas, anunciou a «Voz da Palestina», ontem à noite.

Segundo a rádio, «todas as tentativas para desalojar essas pessoas fracassaram. Graças a alguns sobreviventes foi possível conhecer o nome de 250 vítimas, na maioria mulheres, crianças e velhos, mas ignora-se ainda a identidade das outras 150 pessoas».

BEIRUTE (AFP) — A pedido do Presidente sírio, general Hafez Al Assad, as forças libanesas (direita) aceitaram que se procedesse à evacuação de feridos do campo palestino de Tall Al Zaatar, anunciou Camille Chamoun, ministro do Interior e chefe do Partido Nacional Liberal (conservador).

«A Cruz-Vermelha Internacional foi convidada a evacuar todos os fe-

ridos, libaneses e palestinos, assim como todos os habitantes que queiram deixar o campo», precisou Chamoun, sublinhando que as «forças libanesas» farão uma trégua durante a operação de evacuação.

O Comité Internacional da Cruz-Vermelha (CICR) tentou três vezes evacuar os feridos do campo de Tall Al Zaatar. A última tentativa ocorreu

na sexta-feira. Três delegados da CICR tinham conseguido penetrar no campo em missão de reconhecimento. Todavia não houve evacuação.

PROSSEGUEM OS COMBATES

AMÃ — Beirute e seu arredor foram o teatro de violentos confrontos com foguetes e artilharia pesada durante a noite de domingo passado para segunda-feira, anunciou a rádio Amchitt captada em Amã.

A rádio, sob o controle dos partidários do Presidente Soleiman Frangie, precisou que uma batalha, que durou uma grande parte da noite, se desenrolou na zona de Nabaa (nordeste da capital libanesa). A zona comercial de Beirute e também os arredores sul foram submetidos igualmente a violentas barragens de fogo.

No norte do país, os combates prosseguiram nas frentes de Zhorta-Tripoli e Azghorta-Denniye, concluiu a rádio-Amchitt.

Amizade Mali-Vietname

Tien, vice-ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, chegou a Bamako portador de uma mensagem pessoal para o coronel Moussa Traore, chefe de Estado maliense, de Ton Duc Thang, Presidente da República Socialista do Vietname. Por essa ocasião, o chefe de Estado maliense e o vice-ministro vietnamita celebraram a amizade dos dois povos e proclamaram a vontade de cooperação dos seus governos.

Nkomo em Luanda

LUANDA (AFP) — Joshua Nkomo, presidente do «Congresso Nacional Africano» rodesiano (ANC) anunciou em Luanda a próxima abertura de uma representação do seu movimento na capital angolana. Nkomo, que se encontra actualmente em visita oficial a Luanda, qualificou durante uma conferência de imprensa, de «muito frutuosa» as conversações que teve com os dirigentes angolanos, sobre a situação e os problemas postos pela luta contra o regime de Ian Smith.

Comunicado da Polisario

ARGEL (AFP) — «A 16 de Julho de 1976, a escolta de um comboio de fosfatos das minas de fosfatos de Boucrac, foi atacada pelos combatentes da ALPS (Exército de Libertação Popular Sahariano)», declarou um comunicado da Frente Polisario, publicado no sábado, em Argel. «Durante esta operação, os combatentes saharianos colocaram fora de combate 45 soldados marroquinos (30 mortos e 15 feridos). Foram destruídos dois veículos. A 19 de Julho, foi armada uma emboscada, na região de Amgala, a uma unidade das FAR, (Forças Armadas Reais). Foram mortos 70 soldados e feridos 50, foi recuperado um camião «Mercedes».

Condenações na Etiópia

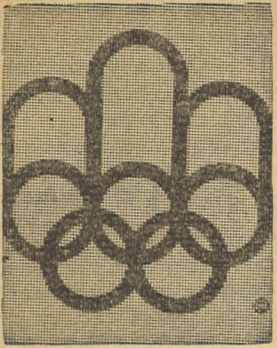
ADDIS-ABEBA (AFP) — Duas pessoas foram condenadas à morte, na Etiópia, por sabotagem económica por um tribunal marcial especial, anunciou a agência etíope de informação Ena. A agência, citando um porta-voz do Comité Militar Administrativo Provisório (Derg) não precisou se os dois condenados, um controlador de preços do Ministério do Comércio e Indústria e outro comerciante, tinham sido executados. Segundo a agência, estas duas pessoas entregavam-se a um tráfico ilícito de comércio dos têxteis.

Desemprego nos E.U.A.

WASHINGTON (TASS) — Depois do Senado, a Câmara dos Representantes do Congresso dos Estados Unidos rejeitou por 310 votos contra 96, o veto posto pelo Presidente Ford ao projecto-lei adoptado pelo Congresso, prevendo um certo aumento do programa dos trabalhos públicos. Na quinta-feira o veto foi rejeitado pelo Senado por 73 votos contra 24. De facto, o projecto-lei, que adquire força de lei, prevê a entrega de cerca de 4 biliões de dólares destinados a assegurar suplementarmente 300 mil empregos para remediar um pouco o desemprego nos Estados Unidos, que atinge actualmente mais de dez milhões de pessoas.

256 milhões na U.R.S.S.

MOSCOVO (AFP) — A União Soviética contava 256,7 milhões de habitantes a 1 de Julho de 1976, anunciou na sexta-feira o Serviço Geral de Estatística Soviético.



XXI JOGOS OLIMPICOS

Em Montreal, prosseguem os Jogos Olímpicos. Depois das provas de nataçao, as atenções voltam-se agora para as competições de atletismo. No conjunto, os desportistas dos países socialistas têm evidenciado uma clara superioridade: nos dez primeiros lugares da tabela das medalhas, figuram sete países socialistas! A R.D.A. e a União Soviética, seguidas pelos E.U.A., continuam no topo da tabela das medalhas, na «corrida ao ouro».

O cubano Alberto Juantorena festejou da melhor maneira o 26 de Julho, dia nacional de Cuba: conquistou a primeira medalha de ouro para o seu país pulverizando o recorde mundial e olímpico dos 800 metros, em 1 minuto, 43 segundos e 5 décimos.

MONTREAL — Eis os resultados registados no domingo passado nos Jogos Olímpicos de Montreal:

Natação:

— Rod Stracham (EUA), medalha de ouro, bateu o recorde do mundo dos 400 metros homens com 4 minutos 23 segundos e 68 décimos na final olímpica. O antigo recorde pertencia a Zoltan Verraszto (Hungria) com 4 minutos 26 segundos desde 2 de Abril de 1976. Tim Mckee (EUA) ganhou a medalha de prata, e Andrey Smirnov (URSS) a medalha de bronze.

— Jim Montgomery (EUA), medalha de ouro, bateu o recorde do mundo dos 100 metros livres homens, com 49 segundos e 99 décimos. Jack Babashoff (EUA) medalha de prata, e Peter Nocke (RFA) medalha de bronze.

— Petra Thumer (RDA), medalha de ouro, bateu o recorde do mundo dos 800 metros livres mulheres com 8 minutos, 37 se-

DESPORTO

COMEÇARAM AS PROVAS DE ATLETISMO ♦ Superioridade dos países socialistas

gundos e 14 décimos, na final olímpica. O antigo recorde pertencia a Shirley Babashoff (EUA) com 8 minutos 39 segundos e 639 décimos desde 21 de Junho de 1976. Shirley Babashoff (EUA) medalha de prata, e Wendy Weinberg (EUA) a medalha de bronze.

— Ulrike Richter (RDA) é campeã olímpica (medalha de ouro) dos 200 metros de costas mulheres com 2 minutos 13 segundos 43 décimos. Birgit Treiber (RDA) ganhou a medalha de prata, e Nancy Gapaick (Canadá) medalha de bronze.

— Os Estados Unidos (medalha de ouro) bateram o recorde do mundo dos 4x100 metros livre mulheres com 3 minutos 44 segundos e 82 décimos na final olímpica. O antigo recorde pertencia ao Dinamo de Berlin (RDA) com 3 minutos 48 segundos e 80 décimos, desde 3 de Junho de 1976. A RDA ganhou a medalha de prata, e o Canadá a medalha de bronze.

Atletismo:

— Annegret Richter (RFA) é campeã olímpica (medalha de ouro) dos 100 metros femininos com 11 segundos e 08 décimos. Renate Sirecher (RDA) arrebatou a medalha de prata, e Inge Helten (RDA) medalha de bronze.

Florete:

— A RFA é campeã olímpica (medalha de ouro) de florete masculino por equipas. A Itália é medalha de prata, e a França medalha de bronze.

Halterofilismo:

David Rigert (URSS) é campeão olímpico (medalha de ouro) dos pesados-ligeiros. Lee James (EUA) medalha de prata, e Atans Chopov (Bulgária) medalha de bronze.

Futebol:

Qualificaram-se para as meias-finais:

— A RDA, que derrotou a França por 4/0, a URSS que bateu o

Irão 2/1, a Polónia que bateu a Coreia do Norte por 5/0 e o Brasil que infligiu 4/1 a Israel.

Trampolim, alto voo.

— Medalha de ouro: a soviética Elena Vaytsekhovskaia. Medalha de prata: a sueca Ulrica Knape. Medalha de bronze: a americana Deborah Wilson.

100 METROS: E.U.A. DE FORA

Haseley Crawford, da Trindade abalou a hierarquia ao ganhar um soberbo 100 metros com 10 segundos e 06 décimos (segundo melhor tempo eléctrico absoluto) frente ao jamaicano Don Quarrie e o soviético Borzov, campeão que sai. Os americanos Steve e Williams, foram os grandes vencedores.

— Ruth Fuchs ganhou o lançamento de dardo (65 metros, 94) e Udo Byer o lançamento de peso (21 metros, 05 apenas) frente a dois soviéticos. Ai também pela primeira vez os americanos não obtiveram nenhuma medalha.

— Renate Stecher que defendia o seu título dos 100 metros, conheceu as suas mais perigosas adversárias: duas alemãs (RFA) Annegret Richter, melhor tempo das séries (11.05, a 1/100 do recorde mundial, e Inge Helten,

A RDA dominou largamente as provas femininas, arrebatando nas seis finais quatro títulos (skiff, quatro de par, quatro barra e oito) e duas medalhas de prata (duplo scull e duas barras) atrás dos búlgaros, revelação dos Jogos. A URSS derrotou Cuba e assegurou assim ao Canadá o seu lugar na meia-final que dá lugar a duas cimeiras continentais: EUA-Canadá e URSS-Jugoslávia.

AS MEDALHAS

No fim da jornada de domingo passado (105 títulos foram entregues, mais o de basquete feminino), o quadro das medalhas estabeleceu-se assim (total, de ouro, prata e bronze): RDA 54 (26-16-12); URSS, 70 (25-25-20); EUA, 56 (21-21-14); RFA, 21 (6-5-10); Bulgária, 14 (4-6-4); Roménia, 13

(3-5-5); Japão, 13 (3-4-6); Polónia, 9 (3-2-4); Grã-Bretanha, 7 (2-3-2); Checoslováquia, 7 (2-2-3); Hungria, 7 (2-1-4); Finlândia, 2 ouro, Itália, 6 (1-3-2); Jugoslávia, 1 de ouro-1 de prata); México, 1 de ouro; Trindade, 1 de ouro; Noruega, 2 (1-1); Cuba 1 de ouro; Canadá, 8 (0-2-6); Holanda, 2 de prata, 2 de bronze; França, 1 de prata, 6 de bronze; Portugal 1 de prata; Bélgica, 1 de prata; Jamaica, 1 de prata; Suécia, 1 de prata; Dinamarca, 2 de bronze; Austrália, 2 de bronze; Áustria, 1 de bronze; Irão, 1 de bronze; Nova Zelândia, 1 de bronze.

NOVA ORDEM DESPORTIVA

Um programa de acção elaborado em Argel, e que visa a transformação dos comités desportivos internacionais, será submetido à conferência ministerial preparatória da quinta cimeira dos países não-alinhados, de Colombo, no próximo mês de Agosto, soube-se oficialmente na semana passada. Os delegados de Jugoslávia, Libéria, Senegal e Argélia estão de acordo conforme a recomendação do «Bureau» dos Não-alinhados, reunido em Argel de 30 de Maio a dois de Junho de 1976. Os técnicos do desporto dos países não-alinhados vão assim, examinar a situação do sistema reconhecido que dirige os comités desportivos internacionais.

«As desigualdades que existem na ordem económica, uma tal situação que não permite aos países não-alinhados e outros países em vias de desenvolvimento, contribuir plenamente, e influenciar a evolução da educação física e desportiva, leva à necessidade de uma nova ordem desportiva que deverá ter em conta os interesses dos países não-alinhados e em vias de desenvolvimento», declarou o comunicado.

ÁFRICA DO SUL EXPULSA DA I.A.A.F.

A África do Sul suspensa pela Federação Internacional do Atletismo (IAAF) foi excluída desta assembleia.

De facto, o congresso da Federação adoptou por 227 votos contra 149 (escrutínio secreto de maioria simples) e moção apresentada pela URSS e Senegal, que reclamava a exclusão da Federação Sul-Africana de Atletismo (SAAA), devido ao «apartheid» que reina na África do Sul. Esta moção baseava-se no artigo três da Federação Internacional. Foi apresentada em nome do Senegal por Tniam Papa Gallo e pela URSS por Grhczwlon.

Em nome da África do Sul, um delegado tinha sublinhado os progressos favoráveis da federação internacional de atletismo do seu país no sentido da integração. Mas não pode convencer os representantes do congresso. A maior parte dos oradores, em especial, o representante da Venezuela, Equador, Roménia e RDA, mesmo sem ter em conta a certeza dos países africanos, tinha-se pronunciado a favor da exclusão da África do Sul.

TAÇA DO MUNDO

A primeira Taça do Mundo das Nações em atletismo desenrolar-se-á de dois a quatro de Setembro de 1977 em Dusseldórfia, na RFA, decidiu na quinta-feira a Federação Internacional de Atletismo, reunida em Montreal. Esta prova de novo inscrita no calendário internacional, reunirá cinco seleções de cada um dos continentes, mais a equipa nacional dos Estados Unidos e as duas primeiras nações da Taça da Europa. A Taça do Mundo compreenderá todas as disciplinas inscritas no programa olímpico.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Agitação em Soweto

JOHANESBURGO (AFP — Vários milhares de estudantes africanos organizaram ontem de manhã uma manifestação no bairro negro do Soweto, perto de Johannesburgo, e ficaram a frente com polícias equipados com armas de fogo, soube-se de fonte informada.

Esta manifestação foi desencadeada pouco depois da reabertura das aulas e da realização de assembleias gerais nas escolas ontem de manhã. A polícia acusa alguns professores de terem incitado os alunos a descer à rua.

Nenhum incidente violento foi assinalado, até agora, pela polícia.

Portugal contra a anexação de Timor

LISBOA (AFP) — Foram desmentidas por fonte autorizada do Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses informações de origem estrangeira segundo as quais Portugal teria reconhecido a anexação de Timor-Leste pela Indonésia.

Precisou-se que a questão de Timor é um problema que continua pendente e que deverá ser resolvida pelo novo governo. Este problema poderá ser analisado brevemente no Conselho dos Ministros.

Kerekou regressou

COTONU (AFP) — O Presidente da República Popular do Benin, tenente-coronel Mathieu Kerekou, regressou a Cotonu, depois de uma longa viagem que o conduziu de 7 a 25 de Julho à Somália, República Democrática Popular da Coreia, República Popular de China, Roménia e a Argélia.

Contra o regime espanhol

MADRID — Cerca de 40 personalidades políticas liberais e da esquerda publicaram uma «declaração à opinião pública» na qual pedem a abertura «de uma negociação do poder com as forças democráticas. Esta negociação será facilitada pela adopção de medidas pelo governo, tendo em vista a democratização da vida do país».

Espectadores reclamam

Um número de espectadores, qualificado de «considerável» pelo comité organizador dos Jogos Olímpicos, reclama o reembolso dos bilhetes de boxe pela ausência dos africanos.

O COJO estima em cerca de um milhão de dólares a perda que acarretará o reembolso dos bilhetes não só em boxe, mas nos outros desportos, onde os africanos

CABO VERDE

A caminho da independência económica (3)

As cooperativas de consumo

(Continuação da página 3)

ajudas alimentares de carácter económico e estimular a produção local. É graças ao crédito concedido pela EMPA que a Central de Cooperativas tem podido abastecer com regularidade as suas associadas. Saliente-se que a EMPA abastece também o comércio privado; mas as diferenças de preços, se mais não fosse, levariam as pessoas a compreender à vantagem de fazer parte duma cooperativa.

DESCENTRALIZAÇÃO

Dependente do Partido, a Central de Cooperativas tem funcionado praticamente como uma organização de massas do PAIGC em Cabo Verde. Efectivamente, pelo papel que representa na vida das pessoas, ela

pode ter uma grande influência na sua mobilização para as tarefas nacionais. Os elementos da Direcção tem sabido aproveitar esta posição e hoje, onde há cooperativas, é vulgar encontrar-se uma maior politização das pessoas.

Mas ninguém sabe ainda com exactidão o que vão ser as cooperativas no futuro. Actualmente, encontram-se em fase de balancete, estando a sua actividade praticamente paralisada. O Estado e o Partido pensam relançar o movimento em novos moldes. Como? Estruturadas por concelho de acordo com as necessidades locais. Dotando cada cooperativa viável de um fundo de maneo próprio. A tendência é para a descentralização.

Segundo a Direcção da Central, a excessiva proliferação de cooperativas foi um factor nega-

tivo. Muitas delas morreram porque os seus associados não tinham dinheiro para consumir. As dificuldades agravaram-se quando foram extintas as verbas de apoio, que haviam sido instituídas pelo Governo português para remendar, e não solucionar, a miséria do povo. Nos locais onde o poder de compra é mais fraco, o plano de cooperativas, a elaborar, terá de ser diferente. É possível, até, que se enverede pela criação de postos de venda em moldes semelhantes aos dos nossos Armazéns do Povo.

Seja como for, o movimento de cooperativas de consumo não deve parar em Cabo Verde. No meio de alguns erros e fracassos, ele mostrou, no curto espaço de um ano, que o povo de Cabo Verde não está à espera que o Estado faça tudo. Nem que a solução dos seus problemas caia do céu.